REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL, DE TURISMO, PROPAGANDA, VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE E LITERATURA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO..... 1$40 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE . $70 || ANO..... 3$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

ANO III — LISBOA, 5 DE AGOSTO DE 1918 — N.º 51

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO — REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA — EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA*

O "TRANSAFRICANO" E O PORTO DE LISBOA

O *Excelsior*, de Paris, dá largo curso ao projecto do engenheiro M. H. Bresseler, sobre o famoso caminho de ferro Londres-Paris, Gibraltar—Dakar e de Pernambuco—Rio de Janeiro-Buenos Ayres.

O projecto já é velho, e, como quando ele apareceu, o achamos uma das maiores phantasias que a imaginação humana póde conceber.

Segundo a opinião do sr. Bresseler julga-se a viagem de Londres a Dakar em 3 dias. Ha de ser mais alguma cousa. Pomos na maior duvida a viagem de Londres, sob a Mancha, a Gibraltar, poder fazer-se em 48 horas; d'ali a Dakar, maior distancia ainda, nunca se fará em outras 48 horas, nem mesmo aplicando, o que será dificil, os mais velozes comboios da Europa, e para isso é necessario uma linha reforçada e perfeita nos areaes africanos e no acidentado territorio hespanhol, como as melhores do mundo.

De Pernambuco ao Rio de Janeiro, é obra mais dificil ainda porque o terreno é montanhoso, e só com um colossal dispendio de dinheiro se poderá resolver tal desideratum.

Mas mesmo assim, do Recife ao Rio de Janeiro, teriamos, pelo menos, dois dias, que a juntar aos quatro, de Dakar a Londres, e aos outros quatro da via maritima de Dakar a Pernambuco, gastar-se-hiam 10 dias de viagem e não 8 como o sr. Bresseler affirma, e seria sempre uma viagem aos baldões e cheia de maçadas.

Era ideal, se fosse pratico e economico; mas afigura-se o contrario: dificil e dispendioso.

Não somos d'aqueles que ante um projecto grandioso nos deixamos levar de phantasia em phantasia, até ás altas espheras do irrealisavel.

A quanto montava—já não diremos o tunel sob a Mancha, por o seu efeito ser mais de ligar Londres a Paris, por terra—mas o tunel sob o Mediterraneo, e a extensa linha atravéz dos areaes africanos e do Senegal?

Onde se encontrará o poderoso syndicato que disponha de capitaes para uma obra tão arrojada?

Mas damos de barato que os governos francez e hespanhol, se interessem a fundo por tão portentosa obra e lhe dispensem grandes subsidios, e ela se faça—sim, porque se nos afigura que o governo inglez se desinteressa do assumpto, pois não desejará prejudicar a sua frota mercante com um concorrente que lhe não dará proveito—onde haverá capitaes que possam manter um serviço ultra-expresso, n'um tão largo percurso, e onde haverá viajantes que possam pagar uma tão dispendiosa viagem?!

Isto, porque, para n'um trajecto tão grande e com um clima tão desigual, que começando nas neves da Europa e acabando nos horrorosos calores do Senegal, é necessario que os comboios sejam dotados de um conforto tão superior que tornaria a viagem dispendiosissima.

Mas isso tambem não é impossivel. Com dinheiro tudo se faz; e esses comboios organisar-se-hiam. Agora o que não nos parece facil é arranjar-lhes viajantes, porque um comboio semelhante embora com todo o possivel conforto, seria extremamente fatigante para os passageiros.

Quem é que deixaria o *Sud-Express*, fazendo o percurso de Paris a Lisboa, em pouco mais de 24 horas, viajando sempre ao abrigo do mesmo clima e encontrando aqui um magnifico paquete gastando ao Rio de Janeiro 8 dias?

E' bom não esquecer uma coisa: o trafego que se fazia pelo *Sud-Express*, era Paris-Rio, ou Buenos Ayres. Os viajantes de Londres raro aproveitavam o nosso porto, preferindo sempre os seus paquetes, em Southampton ou Liverpool. Mais ainda—os passageiros, do *Sud-Express* eram em uma pequena percentagem em relação á via maritima, pois a sua grande maioria, principalmente quando se tratava de familias, preferia ir ao Havre, La Rochelle e Bordeus tomar o vapor.

E' certo tambem que, se as condições do nosso porto fossem mais completas, se existisse uma marinha mercante nacional e cujos paquetes fizessem *terminus* em Lisboa; se os serviços ferro-viarios Lisboa-Paris fossem mais perfeitos, essa cifra de viajantes seria consideravelmente maior.

Nós, triste é dizel-o, não temos sabido aproveitar este interregno da guerra para melhorar os nossos serviços ferro-viarios, pois podia-se, já não dizemos comprar material novo, mas transformar todo o antigo, dotando-o dos melhoramentos necessarios, como seja o lavabo e o corredor lateral, para que, após a guerra, os serviços internos fossem melhorados, e os orçamentos estivessem assim aliviados para a aquisição de grandes carruagens de *bogies* para os comboios rapidos e de longo curso.

Já o aqui dissemos, as companhias hespanholas do Norte e de Madrid-Saragoça-Alicante, além de seu já grande numero de carruagens modernas que circula nos comboios, devem este ano receber das casas constructoras hespanholas, cada uma, mais de cem

d'esses vehiculos, das tres classes, e todos de *bogies*, esperando elas quando os viajantes, apoz a guerra, invadirem as suas linhas, fazer todos os comboios com material moderno.

Lá, olha-se para o futuro; nós esperamos para seis mezes depois da guerra, ninguem se lembrando que n'essa altura as dificuldades, pela reparação das linhas da Belgica e da França, hão de ser bem maiores, e ha de haver menos dinheiro que na presente quadra.

Podemos pois estar tranquilos quanto ao famoso Transafricano, e em vez de estarmos a pôr as mãos na cabeça, devemos ir tratar de melhorar os nossos serviços ferro-viarios e maritimos, impulsionar a nossa marinha mercante e deixar, mesmo, medrar os portos hespanhoes que a sua acção em relação aos portos de Lisboa ha de ser sempre apagada.

Depois o Transafricano, se olharmos ao desinteresse que a Inglaterra ha de ter n'ele—pois que mais lhe interessa proteger a sua poderosa marinha mercante—é uma obra de dificil realisação; e se um dia os grandes vapores expressos, que faziam a viagem da Europa á America, quizerem bater *records* da Europa á America do Sul, terão como ponto de inicio o porto de Lisboa, e quando isso suceder não será o Transafricano que lhes fará sombra.

Mesmo isso será tarde, que até a marinha mercante alemã, que era a mais audaciosa, nunca pensou em pôr vapores de 24 milhas para a America do Sul, porque os passageiros, são mais modestos que os da America do Norte e sentem menos a vertigem da velocidade.

GUERRA MAIO.

Estrada de Alcacer do Sal a Evora

ESTÁ muito adiantada a conclusão d'esta estrada, que ha de ligar a importante vila de Alcacer a Evora, e bem assim facilitar as relações automobilistas não só de Lisboa com o Alto-Alemtejo, como tambem com o estrangeiro, por Badajóz.

Faltam apenas 8 kilometros, que estão em construcção, entre a estação do caminho de ferro de Alcaçovas, e o Monte do Hospital.

D'esta forma ha mais um trajecto para Badajóz, ou seja; Cacilhas, Setubal, Aguas de Moura, Alcacer do Sal, Alcaçovas, Evora, Redondo, Villa Viçosa e Elvas.

A ACÇÃO DA PROPAGANDA DE PORTUGAL EM FRANÇA

NA efectivação da espectativa que levou a Sociedade Propaganda de Portugal a crear um posto de informações em Paris, teem-se registado já alguns beneficios resultantes da sua acção de propaganda, de que nos temos ocupado em numeros anteriores.

Um outro vem juntar-se a essa serie, que é o da publicação, no jornal da Bretanha «Le Nouvelliste», d'um interessante artigo sobre o nosso Paiz, em que nos é feita o devida justiça.

Para que os nossos leitores o possam apreciar bem, vamos publical'o na integra, em tradução literal, assim como a carta que amavelmente nos foi dirigida pela Direção d'aquela Sociedade, acompanhando o referido jornal.

Lisboa, 29 de Julho de 1918

Snr. Director da «Revista de Turismo»

Afim de que V. possa devidamente apreciar os primeiros resultados da nossa propaganda em França, junto enviamos um exemplar do «Nouvelliste», jornal da Bretanha, no qual se encontra um artigo de propaganda sobre Portugal, resultado dos trabalhos executados pelo director do nosso «Bureau» de Paris, que tem de preferencia, na actual conjunctura, exercido a sua atividade n'aquela região.

E' um simples trabalho de divulgação sobre o que é o nosso Paiz. Outros teem sido egualmente publicados pela imprensa de maior importancia da região; mas a nossa acção não se tem limitado simplesmente a esta especie de propaganda e varios trabalhos se acham executados com animadora perspectiva para que uma corrente de turismo seja derivada para Portugal e para que se desenvolvam as relações comerciaes e de varia ordem, o que muito deve concorrer para o progresso do nosso paiz.

Quando os resultados praticos se apresentarem, com muito prazer poremos V. ao facto d'eles.

Com a maxima consideração nos subscrevemos,

De V. etc.,

O Director Secretario

PEDRO DE OLIVEIRA PIRES.

Eis o artigo:

Se ha uma nação cuja amizade para com a França não se desmentiu com o decorrer dos seculos (algumas pequenas nuvens, totalmente dissipadas, sómente obscureceram este azul) é na verdade Portugal, e n'este momento, em que uma guerra sem precedentes na historia do mundo e que o sacode até aos seus fundamentos, os seus heroicos filhos juntam-se aos nossos e a todos os que combatem contra os barbaros, pelo triumpho do direito e da liberdade.

Este Paiz, audaz e generoso, tem pois o direito da nossa admiração e do nosso reconhecimento; assim tambem devemos, nós os francezes, facilitar-lhes por todas as maneiras ao nosso alcance, os meios que o «após a guerra» proporcionará, para uma união mais intima do que no passado, as transações comerciaes, vantajosas tanto para um povo como para outro; n'uma palavra: a penetração reciproca mais completa, cuja base deve ser constituida por tratados de comercio liberalmente estudados e lealmente executados.

Mas se as relações comerciaes teem uma importancia primordial, ha outras que são igualmente consideraveis. São as relações «turisticas» que se desenvolveram tão proveitosamente no mundo inteiro antes da guerra, e que, feita a paz, terão um novo esplendor.

Ha, n'esta ordem de idéas, muito que fazer para as augmentar entre a França e Portugal, como tambem entre Portugal e a França.

Ocupam-se n'isso, presentemente, as duas principaes associações de turismo d'estes dois paizes: o «Touring Club de França» e a «Sociedade Propaganda de Portugal» á qual o T. C. F. ofereceu graciosamente a hospitalidade na sua instalação da Avenida da «Grande-Armée», para séde do «Bureau de Renseignements», tarefa que as duas Associações desempenham com ardor e método.

Esta agencia é dirigida por um vulto na causa do turismo em Portugal, senhor Padua Franco, que se identificou na missão a que inteiramente se dedica e que desempenha com um enthusiasmo e proficiencia absolutas; encontrando-se, aliás, em completo acordo de vistas e méthodos de trabalho com sr. Bailif, iminente presidente do T. C. F., e os seus colaboradores que, como o sr. Padua, não duvidam do bom resultado dos seus esforços.

Os interesses dos dois paizes, estão portanto, sob este ponto de vista em boas mãos.

Luiz XIV disse: «Já não ha Pirineus»; E se na verdade assim é para a Hespanha, com mais justa razão é ainda para Portugal. Comtudo, é preciso concordar que para se ir de França a Portugal é sempre preciso transpôr a cadeia franco-ibérica e atravessar uma grande parte do territorio hespanhol, se não se quizer alcançar

as costas portuguêsas pelo oceano atlantico ou pelo Mediterraneo e Gibraltar.

Mas esta interposição da patria de Cid entre a do seu imortal cantor, Pedro Corneille e a de Camões,—o mais ilustre dos poetas portuguêses, é vantajosa para todos, pois que permite aos turistas a visita de Hespanha, cujos logares maravilhosos são lendarios.

Se Portugal é um paiz com uma superficie pouco consideravel em relação a muitos outros, (o seu territorio tem aproximadamente a superficie da Bretanha, da Normandia e do Maine reunidas, com uma população de cerca de 6.000.000 de habitantes) as suas gloriosas tradições não são egualadas por nenhum outro e a sua historia assim o proclama altamente.

E' com razão que se pode dizer de Portugal: *pequeno país, grande nação*».

A comparação que fizemos quanto a Portugal com a das nossas provincias do Oeste da França, mantem-se ainda com os seus logares mais notaveis.

Como a Bretanha e a Normandia, as suas costas desenvolvem-se n'uma frente de muitas centenas de kilometros, e são habitadas por marinheiros notabilisados pelo seu valor, rivaes n'isso, dos nossos. Não foi de Portugal que partiram os mais ilustres descobridores do Novo Mundo? Ali tambem um solo rude limita o mar em altas penedias e golpes profundos.

Grandes rios cantados pelos poetas, enormes montanhas, serras, contrafortes dos Alpes Ibericos, sulcam um territorio rico em todas as coisas cujo solo oculta tesouros mineralogicos, tão mineralogicos, tão consideraveis como variados. Grandes e belas cidades são habitadas por uma população cujos costumes amenos e civilisados são lendarios. Como poderia assim não ser, se o clima paradisiaco d'este pais privilegiado acusa em Lisboa e nas praias mais frequentadas, + 10 e — 24? Isso equivale a dizer que as geadas do inverno e os calores do verão são ahi desconhecidos.

Tambem, em pleno inverno — de dezembro a março,—os campos cobrem-se de arvores em flôr, da mesma maneira que as macieiras da nossa região, na primavera; assim como sobre as nossas costas do oceano, que é o mesmo que limita as de Portugal, vive uma *élite* de pescadores intrepidos, que se ocupam na pesca de peixes e de crustaceos que alimentam numerosas fabricas de conserva, cujos produtos são notabilisados á semelhança dos nossos.

O mar que retalhou as costas da peninsula ibérica, como as da peninsula Bretã, não tem ahi a mesma tonalidade que sobre as nossas margens; e o sol que as banha projecta n'ele côres que nós nem supomos.

Mas são, aqui como lá, paisagens magestosas, e a mesma onda vem sem estorvo do novo continente para se quebrar aqui com uma força e um ruido formidaveis.

Da mesma maneira que a nossa velha terra celtica é semeada de monumentos que atestam a antiguidade de sua habitação por povos progressivamente civilisados, tambem o archeologo encontra em Portugal materia para as suas pesquizas e para os seus trabalhos. Mas ahi é a influencia arabe que predomina, dando a este país um tom quasi oriental.

Assim que lendas maravilhosas, que «contos das mil e uma noites» ! ! !

Se o macisso central francês dá origem, mesmo por causa da sua constituição geologica, a nascentes mineraes avaliadas no mundo inteiro, por sua vez, as serras portuguezas apresentam as suas termas tão bemfazejas pelas virtudes terapeuticas quanto notaveis pela beleza das suas situações.

Juntae a isto cidades opulentas, enlutadas com ricos monumentos, e concordais que Portugal está no numero d'estes paises que se dizem privilegiados, que se deve visitar para o admirar e para o amar».

Como complemento d'este interessante artigo, o mesmo jornal insere a noticia de que o Syndicato d'Iniciativa de Rennes e da Região abriu as portas da sua séde, na Praça Pasteur, ao representante da Sociedade Propaganda, que n'ela instalou um posto de informações.

Outros postos funcionam já em Dinar, Lorient e Saint-Malo, devendo brevemente ser abertos os de St. Nazaire, Brest e Cherbourg.

A este respeito, diz ainda o aludido jornal: «Deprehende-se por esta «orientação, que os nossos amigos «portuguezes procuram fixar as «bases» «perto dos portos do litoral, para as«sim melhor estabelecerem relações «com o seu paiz. N'estas localidades, «o sr. Padua Franco poz-se em con«tacto com as colectividades, assim «como com as individualidades em «destaque, para o bom resultado dos «seus trabalhos. Paralelamente tem «procurado atrahir as atenções para o «seu paiz, por meio d'uma intensa «propaganda quer em jornaes, quer «pelos meios mais eficazes.

«A obra emprehendida pelo sr. Pa«dua Franco é duplamente patriotica; «e assim como as bandeiras das duas «nações fluctuam lado a lado no campo «da batalha, no momento actual, elas «abraçar-se-hão, com tambem justa «razão, no terreno da luta economica «que se seguirá á cruenta guerra «mundial, e para a qual os povos teem «de preparar-se sem demora. Tanto «sobre um, como sobre o outro campo, «os nossos aliados recolherão a maior «das victorias».

E com estas doces e amaveis palavras termina o interessante artigo a que vimos de aludir e que registamos desvanecidamente.

A nós, como orgão unico da causa do turismo em Portugal, compete-nos testemunhar os mais reconhecidos agradecimentos ao nosso ilustre colega da Bretanha, pelas suas justas rererencias.

Estrada de Pinhel a Almeida

Foi mandada ouvir a Direcção das Obras Publicas á cerca do pedido da Camara Municipal de Pinhel, sobre a conclusão da estrada d'esta cidade á vila de Almeida, cujos 6 primeiros kilometros ha muito estão construidos. Faltam por isso 13, estando já feita a ponte sobre o Côa.

Esta estrada é d'uma alta importancia não só para os dois concelhos, mas tambem para as relações com o vizinho reino, pois que põe em comunicação todo o centro do paiz, com Ciudad Rodrigo, por Vilar Formoso, cuja estrada presentemente o governo hespanhol trata de construir.

Portugal em Cinema

Por informações recebidas na Repartição de Turismo, do operador da casa Pathé, sr. René Moreau, sabe-se que quasi todas as fitas ultimamente, tiradas em Portugal ficaram bôas, produzindo magnifico efeito.

Registamos esta noticia com intenso jubilo, porque esta propaganda é das de mais pratico efeito.

«Ecos da Beira»

Este nosso estimado colega de Gouveia, acerrimo defensor da Serra da Estrela, transcreveu no seu numero de 30 do mez passado, umas passagens nossas sobre a Serra acompanhando-as de palavras de imerecido louvor, que muito nos penhoram.

FITAS PORTUGUEZAS

NO PORTO

A cidade Invicta a antiga capital de Entre-Douro e Minho, estava no programa para uma larga reportagem animada. O operador já a conhecia, tinha mesmo uma comprehensão muito lisongeira da cidade, dos seus costumes, e do seu rio admiravel de silencio e de verdura.

«Quatro dias de trabalho» afirmava ele com relação ao Porto. Puz as mãos na cabeça! Quatro dias no Porto, e ele a trabalhar de sol a sol, sempre a correr, era caso para gastar toda a fita e adeus paisagens do Douro, adeus costumes de Viana, adeus Serra da Estrela. Ficava tudo no esquecimento.

Uma ausencia forçada, fez-me afastar d'eles durante tres ou quatro dias, e os meus receios tomavam a largueza de uma catastrophe. O operador enthusiasta por typos e costumes e com outro interprete do Porto, era caso para quando eu voltasse estar já a afivelar as malas e a dizer-nos a Deus.

Mas cahiu sobre ele umas contrariedades, que lhe prejudicaram as carreiras. Dois dias de tempestade, e dois interpretes, muito conhecedores do francez, mas pouco disposto a aturar-lhe as canseiras, fizeram com que ele limitasse o trabalho aos monumentos da cidade e ao aspecto flagrante das ruas.

Os typos que eram o seu ideal, tinham-lhe no Porto esfriado o desejo de faze-los passar pela fita, porque as carrejonas, as padeiras, as raparigas conductoras de carros de bois, desejavam pouco correr mundo, e d'ahi a fugirem d'ele, não havendo palavras que as convencessem.

Depois René Moreau, aprendera algumas palavras de portuguez, como fosse, ***bonita, venha cá,*** e aplicava-as a esmo. A uma matrona que se recusou a entrar na fita, ele atirou-lhe uma tempestade de ***bonita, venha cá,*** e ela, pondo-se toda gingona, as mãos nos largos quadris, chamou-lhe bregeiro, e os mais asperos epithetos que conta a lingua patria que fazem parte actualmente do seu vocabulario.

Mas com paciencia fomos convencendo umas, e com boas palavras fomos dispondo outras. E a reportagem começou, pelas padeiras de Valongo, pelas carrejonas de malas formidaveis, altas como cupulas de cathedraes, e por ahi fóra, nada esquecendo e nada faltando.

O que mais interessava o operador, eram os carros, enchendo as ruas com os seus chavelhos enormes dos seus bois, e encarrapitados nas ladeiras mais ingremes da cidade, carregando grandes fardos ou pipas de vinho. E tanto isso o interessou que tive que ajustar um d'eles para subir a Corticeira, piso dificil para peões, impossivel para cavalaria mas acessivel para os carros de bois.

O carro chegou ao fundo da Corticeira, e eu á vista de tão ingreme e escorregadia ladeira, disse ao carroceiro que era melhor desistir, o homem afirmou com segurança;—o carro subia podia eu estar descansado—Vae ver como ele marcha por ahi acima.

Sobre o carro colocara-se uma pipa, vasia porque para cinematographia não era preciso que fosse cheia, e os bois dão o primeiro esforço de arrancada, o operador colocado n'um balcão, ordena. O carro subia, a meio da ladeira as patas dos animaes escorregam no lagedo, o conductor pica os bois com furor, gritava-lhe, enchia-os de blasphemeas, mas era impossivel, o carro não subia, os ruminantes arquejavam, a um novo esforço, toda aquela carrada, rolou pela ladeira, e n'aquele momento tive a visão tragica d'uma derrocada. O carreiro praquejava o operador rugia: ***Pas de chance, pas de chance.***

Mas o homensinho que era da velha tempera, e teimoso como um minhoto, pôz-se novamente á frente dos bois e o carro ahi vae até ao alto da ladeira, com grande satisfação de René Moreau.

O Porto tinha já a larga reportagem que corresponde a cinco caixas de fita, e faltara ainda o Douro, com o aspecto curioso do seu caes da Ribeira, e as margens fortemente vestidas de arvoredo viçoso salpicado das fachadas claras de habitações de recreio.

N'um barco a gazolina, se aprestou tudo. A' frente a machina operadora, no seu alto tripé, e conforme a embarcação deslisava rio acima, ela ia imprimiando tudo o que R. Moreau achava interessante. Aqui eram pequenos barcos repletos de mulheres de Avintes, com os seus chapeus typicos os cestos de pão no regaço, rindo a uma pilheria do timoneiro com aquela alegria só da gente do norte; mais adiante eram grandes barcos rabelos cheios de cascaria, com os arraes de bonés erguidos, olhando o horisonte e cachimbando com delicia, depois era uma aldeiasinha, mirando-se nas aguas em ondulações lentas, a seguir um casal nobre com a sua capela, o brasão corcumido pelo decorrer dos anos, mais além a fabrica de Crestuma empinando ao ceu as suas chaminés gigantes. E finalmente o Sousa, que desce para o Douro, mergulhado n'uma paisagem sombria.

Outro transe doloroso foi ao cimo da Corticeira, onde ao operador apeteceu, meter dois pequenos de peito n'uma canastra, e á cabeça d'uma rapariga do povo.

Ali gastamos uma farta hora, primeiro, não havia crianças que prestassem, as mães receavam que eles desabassem do fragil cesto, depois havia crianças a mais, todas queriam entrar na fita, Moreau escolhia; aquela era feia, a outra chorava, uma não tinha expressão, as mães as irmãs não se davam por satisfeitas com a escolha, e descompunham-se mutuamente. Eu conciliava, todas ficariam alguma havia ser primeiro, tivessem paciencia.

—Tenha proposito mulher, olhe que o homem é estrangeiro.

—Deixe falar, eles não nos entende.

—!...

Voltámos, e o vasto bairro de Campanhã, com a ponte de Maria Pia, onde um comboio silvava, e depois a Alfandega, e novamente no caes da Ribeira, eu satisfeito com um passeio delicioso e René Moreau, radiante com uma tarde proveitosa.

A cidade invicta estava já com uma larga propaganda feita, era preciso partir, e na manhã seguinte sob um sol prometedor abalamos para o Minho.

GUERRA MAIO

COISAS NOSSAS

Assuntos aridos, desagradaveis talvez para o maior numero, coisas infimas de que o pretor não cuida, mas que no seu conjuncto degradam uma capital, e, isoladamente, revoltam os mais pacientes, devem ser tratados, talvez, para não afugentar o leitor, em palavras sucintas, ora vamos lá a vêr:

Camilo disse que andavamos 50 anos no coice da civilização, e aos coices a ela, obtemperou um má lingua.

Empedraram-se os talhões da parte superior da Avenida da Liberdade com aquele tipico e gracioso mosaico nacional, que alegra a vista e favorece a enraização das arvores... mas deixaram com cimento—ha longos anos!—os talhões entre a Rua das Pretas e a Praça dos Restauradores, lado oriental, por sinal em deploravel estado, causando a ruina do arvoredo, e apavorando pelo desleixo que representam, a vista dos estrangeiros... e até dos indigenas!...

Subindo... isto vae subindo sempre... se isto é subir?! Sociedade Nacional de Belas Artes está inacabada!!!

Coisa pouca: uns capiteis, umas grades. Refiro-me ao exterior. Não, assim ha muito, em boa hora o diga! Sómente desde que se inaugurou.

Mais acima na mesma Avenida da Liberdade, á esquerda. Esquerda sorte citadina! Já quasi no extremo, junto ao predios 219, existe um tapume desairoso, tôsco, apodrecido, a negação absoluta da mais rudimentar estetica! Não assim ha muito, em boa hora o diga! Sómente desde que se fez a Avenida. Efemero tempo para que zelosas Camaras o vissem e compelissem o respectivo proprietario... a pôr aquilo decente.

Na primeira Avenida de Lisboa!!!

Continuando a subir este calvario de belezas, depara-se-nos o Matadouro na Avenida Fontes. Central, odorante, estético, primoroso!

Mudado para local conveniente e afastado, a area onde atualmente assenta, vendida em talhões, compensaria, em grande parte se não no todo, as despezas das futuras instalações.

Mas aquilo é arcaico, revoltante, anti-estético, logo, inamovivel!

Alindam-se os bairros novos, as avenidas vão primando, a par dos varios horrores, em edificações belas, nalguma das quaes os proprietarios imprimem um cunho tradicional, belamente benemerito.

Pois em plena Avenida da Republica, proximo ao Campo Pequeno, lado do nascente, existem uns barracões, uns pardieiros, depositos de materiais, pondo uma nota não só discordante, mas até irritante, em tudo que por ali se vê!

São pertenças municipais: o proprio municipio a incorrer nas mais graves penalidades contra o bom nome d'uma cidade... que quer ter foros de civilisada!!!

Projétaram alargar o lago do Campo Grande, que dá um farto rendimento á Camara, com os seus trinta botes, a abalroarem constantemente uns de encontro aos outros, pois o lago pouco maior é do que uma tina de banho!

Esse alargamento far-se-ia para o lado sul, por dois canais graciosos, ficando, n'uma especie de ilha, sem abrigo pitoresco, que já lá existe num cêrrozito.

Era um melhoramento util, agradavel e recomendavel por todos os titulos: não se fará.

Agora, por atacado; quando se abate aquele velhissimo pardieiro, que obstrue a rua Barata Salgueiro, na sua descida para Santa Marta?

Quando se desentupe a rua Gomes Freire, nos seus dois extremos: para o Campo dos Martires da Patria, e para o Largo do Matadouro?

Quando se desengasga a Alameda das Linhas de Torres, na curva para as bandas do Lumiar?

Quando se alarga a Travessa de S. Mamede, para o que foram cedidos, ha anos, á Camara, os necessarios terrenos?

Quando se obriga o Mercado Geral de Gados, na Avenida da Republica, a substituir os provectos tapumes de pau, por adquadas grades de ferro: decentes?

Quando se alarga a rua Bartolomeu Dias, na sua saida da Praça de D. Vasco da Gama, cujo entupimento é perigoso ao ponto de existirem, ha muitissimos anos, letreiros indicadores do perigo?

A obstrução é causada por terrenos que pertencem á Camara, pelo menos, em parte. Lá teem o letreirinho!

E porque não se aproveita a paralização do fabrico do gaz para *limpar* por uma vez, e para sempre, os terrenos adjacentes á formosa reliquia, que é a Torre de Belem, livrando-a dos gazes asfixiantes???

Cruz Magalhães.

Serra da Estrela

O PROXIMO CONGRESSO

Promovido pela Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela realisa-se, no proximo dia 25, o congresso de socios da mesma Sociedade, no qual serão tratados os interesses que se ligam com o progresso da Serra, e onde a junta executiva dará conta dos seus trabalhos durante o ano electivo que agora finda.

Muitos são já os serviços prestados pela junta executiva, e muito ha ainda a esperar, atendendo ás qualidades de trabalho que teem os seus membros entre os quaes é justo salientar o seu presidente, o benemerito sr. Pedro Botto Machado, pois que não só põe ao serviço da Sociedade a sua energia como tambem a sua bolsa, que por vezes se abre e largamente.

Os outros dois vogaes os são srs. Lino Martins Coelho, Martins Saraiva, que levam o seu amor á sociedade a ponto de deixarem—e não poucas vezes, os seus interesses pessoaes, pela causa serrana.

Como só se faz o engrandecimento d'uma colectividade e d'uma causa com *carolismo*, e como por estes temos uma funda simpathia, aqui lhe rendemos as homenagens da nossa admiração.

Vae, pois, no dia 25, a Serra da Estrela, reunir n'uma grande sessão ao ar livre, a 1.600 metros de altitude, todos socios da Sociedade e bem assim os delegados das repartições oficiaes, que se ligam com o asumpto, alem dos das sociedades congeneres, camaras municipaes etc.

Entre outros assumptos, vão ser tratados: o da construcção d'um hotel nos Barros Vermelhos, alta aspiração da Sociedade, para que o turismo na serra se faça com comodidade; a apreciação do projecto e perfil da estrada do observatorio ao local do hotel, elaborado pela Direcção das Obras Publicas da Guarda, e cuja construcção vae começar, no caminho de ferro de

Arganil a Gouveia, a ligar ao da Beira Alta, etc.

O Conselho de Turismo, far-se-ha representar pelo seu presidente o sr. dr. Magalhães Lima, e pelo sr. dr. José d'Athayde.

Presentemente está em Lisboa, o presidente da Sociedade, que veio tratar de assumptos que se ligam com o congresso, ainda com outros assumptos de interesses da Serra.

NO ALGARVE

PRAIA DA ROCHA

Muito se tem dito d'esta praia, mas nunca é superfluo falar d'uma belleza que prevalece sendo por isso sempre nova.

Situada no extremo Sul do paiz, dir-se-hia ser onde ele banha os pés do Oceano.

A Praia da Rocha é naturalmente completa, e não apresenta a monotonia das demais praias, onde uma extenção de areia em que se perde a vista é tudo o que teem de apreciavel.

Ali ha um capricho da natureza: —leixões dispersos, de formas diversas e alguns enormes, parecendo bem uma cidade marinha edificada para viverem no seu seio: caranguejos, lapas e mexilhões; e para encosto do mar quando em maré cheia alteroso tenta invadir a terra.

Esta praia é sempre apetecivel, a qualquer hora que a visitemos apresenta-nos um aspecto caracteristico, differente e agradavel:—

Manhã.—Ainda não se vê o Sol, e emquanto uma bruma arroxeada começa a dissipar-se, um vento suave, acariciador e murmurante passa levando comsigo uma nuvem incolor d'ar iodado e salgadio, que refrigera o peito revigorando-o.

Niveas gaivotas, piando, esvoaçam do ar e cahem brandamente no mar beijando a agua, e ali ficam descançando como cisnes n'um lago. Do alto d'um rochedp estende-se o olhar na amplidão azul do mar, e lá ao fundo, uma chaminé largando fumo negro um pouco mancha a limpidez impressionante d'um ceu lindissimo. Os raios de sol já brilham triumphantes e reflectir-se na agua, parecendo incendial-a. A areia dourada brilha intensamente e um não-sei-quê de vida e felicidade parece acometer tudo o que nos rodeia.

Nos campos que nos ficam perto a rectaguarda, as aves com o seu canto enchem o espaço, e o arvoredo frondoso e verde, d'onde sobresahem *chalets* pittorescos, dão-nos uma boa impressão de paysagem viva. Negros corvos marinhos voando, aos pares, desapparecem no espaço, e outros vão poisar nos pincaros dos rochedos e ali ficam contemplando o mar, que sussurando, n'um tom aspero e rouco, arremete furioso em ondas horrorosas e ameaçadoras, e vem n'um brando espreguiçar, estender-se dolentemente na areia amena...

Tarde.—O sol dardeja obliquamente; abrigados pelas sombras dos rochedos deparamos com largas furnas que os perfuram e que nos recordam as velhas habitações dos troglodytas. São cavernas d'achitectura muito curiosa, pois as abobadas, naturalmente feitas oferecem uma solidez tal, que não nos deixam prever o seu desabamento e ninguem pode dizer que já isso sucedera uma vez.

E' particularmente apreciavel o «*Buraco da Avó*»—nome dado a uma perfuração feita pelo mar n'um grandioso rochedo que corta a praia dividindo-a, e serve de passagem quando a maré está baixa.

Braços de rochedo nascendo na areia erguem-se semelhantes a estatuas que o Sol sombreia.

Continua descendo o astro rei, e já se aproxima da meta parecendo um disco incendiado que vae extinguir-se no mar... e desaparece.

Noite.—Um veu escuro parece cobrir todas as coisas, e enquanto uma lua prateada, brilhante e acompanhada pelo seu enorme sequito de estrelas vai seguindo na negridão do Ceu desenhando no mar uma estrada luminosa, abrindo-se na nossa frente, uma fresquidão de temperatura acompanhada do ruido do mar sobresahindo unico no socego da noite, sensibilisa-nos intimamente.

E' a poesia da Natureza campeando a essa hora em que tudo parece adormecido, e n'um mixto de prece e misticismo atentamente escuta o rugir forte e bravio das ondas que se enrolam e se desfazem em espuma.

As silhuetas dos rochedos teem um aspecto sereno n'aquela inflexibilidade herculea de que nem o tempo imperioso, nem o mar arremetedor, consegue demovel-os.

.....

E' isto o que se vê o que se pode descrever—uma visita ali será o complemento da minha descripção, porque encontrareis tudo o que vos digo e alguma coisa mais.

CAMIEIRO

Hotel Avenida, de Coimbra

O edificio onde estava o hotel Avenida, em Coimbra, acaba de ser adquirido pela Caixa Geral dos Depositos para ali instalar a sua filial.

O Hotel Avenida, era dos melhores hoteis da velha cidade do Mondego, e aos seus proprietarios, pelo desaparecimento d'ele só resta a Sucursal, na Estrada da Beira, que aliás, é ainda mais confortavel, que aquele.

Padua Franco

Está em Lisboa, desde hontem o sr. Jayme de Padua Franco, ilustre director do Posto de Informações de Paris, que veio tratar de varios assumptos que se ligam com a propaganda de Portugal, lá fóra.

Todo aquele que se interessa pela manutenção da **Revista de Turismo**, *deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e anunciantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.*

ARTE E LITERATURA

SONETO

DE ANTONIO BOTTO

Por ti meus cantos — dobre de finados —
São arias de luar e de harmonia;
São arias e são gritos torturados,
Gritos de amôr, Saudade e nostalgia.

Por ti meus olhos pallidos, cansados
— Onde a Dôr fez eterna moradia —
Por ti meus olhos soffrem resignados,
Por ti meus olhos choram de alegria!

Por ti me arrasto quase moribundo.
N'esta estrada de lagrimas tam cheia,
N'este mar de tormentos: — N'este mundo!

Por ti meu pranto é agua apetecida;
E' agua que me abraza e me incendeia.
— Por ti eu sou a Morte e sou a Vida!

Tempestade serenada

DE JORGE AFONSO

Socega, peito meu! Meu coração socega!
Tem animo, valor! Sê forte na desgraça!
Não a perturbes! Vá! Deixa passar quem passa!
Não peças seu amor! Já sabes que t'o nega.

Eu sei que no teu caso a muita força é 'cassa
a reprimir lá dentro a raiva ardente e cega
de ver fruir? um outro um bem? que se lhe entrega
e atraz do qual nossa alma loucamente esvoaça;

mas essa força enorme has-de, meu peito, ter!
Viste-la amada d'outro, ela d'amor sedenta?
O amor, quando ele é puro, satisfaz-se em ver.

O bem do seu amado e dele se alimenta:
mas se isso não bastar para teu amor viver,
padece, chora, sofre! A dôr tambem sustenta.

Quandon ne s'aime plus

DE JULIO DANTAS

Ponto final. Adeus. Tinha previsto o fim.
Quiz muito, quiz demais. O culpado fui eu.
Se é que pode morrer, o que nunca viveu,
Sinto que morreu hoje o teu amor por mim.

Fiz mal em vir? Talvez. Quizeste ver-me, vim.
Que placidez a tua e que sorriso o teu!
Amor que raciocina é amor que morreu.
Pode lá amar quem se domina, assim?

Tinha de ser. Adeus. Deixas-me triste e doente.
Depois qual é o amor que vive eternamente?
Tudo envelhece, passa e morre como tu.

Nunca mais me verás. E' a vida, afinal.
Dá-me o ultimo beijo, e não me queiras mal
.....
Ilfaut rompre en pleurant quandon ne s'aime plus

SONETO

DE LADISLAU PATRICIO

Fui leal para ti, fui dedicado.
só me pagaste com ingratidão!
Que esse crime d'amor seja vingado
e nunca possas ter consolação.

Que não encontres para o teu peccado
palavras de ternura ou de Perdão;
com lagrimas de dôr seja amassado
e comido com lagrimas, teu pão!

Se amares, que ao teu amor lhe falte brilho,
se casares, que tenhas a má sorte
de não ser mãe, de não gerar um filho!

E quando emfim, já velha e combalida
peças descanço a Deus, peças a morte,
— que Deus prolongue mais a tua vida!

CARTA DE FRANÇA

A questão hoteleira

Cá e lá... mais fadas ha, diz o dictado.

E é bem certo. Não só em Portugal a questão hoteleira constitue o maior pezadelo d'aquelles que se dedicam ao desenvolvimento do turismo. Em França, como em toda a parte, essa questão é primacial pelo simples facto de—não havendo bons hoteis, não haver bons turistas. Por isso esse maximo problema agita-se e toma o vulto das coisas mais transcendentes. E a parte que n'ele mais interesse tem despertado é positivamente a que se refere ao credito, que representa um factor constante na equação d'esse problema.

Discute-se actualmente, nos centros turisticos da França, qual deve ser a função do tBanco que se pretende crear para atender ás necessidades e ás exigencias da industria de turismo.

Os hoteleiros desejam que a instituição em projecto só se ocupe da sua industria; ao passo que a maioria das opiniões se inclina para o alargamento da ação do credito não só ás necessidades da industria hoteleira, mas tambem ás exigencias da industria de turismo, em geral.

E' esta ultima corrente que se afigura com maiores probabilidades de vencer.

A este respeito a *Renaissance du Tourisme*, um dos mais importantes orgãos francezes de turismo, que sob a forma de inquerito, se vem referindo ao interessante assumpto, publica, em um dos seus ultimos numeros, uma comunicação de M. Daniel Boudet, na qual, apreciando a questão por uma fórma calma e aparentemente desapaixonada, dá o parecer de que de nada servirá modernisar os hoteis, se, simultaneamente, não se atender á insuficiencia quasi geral dos estabelecimentos thermaes. Assim, reconhece que não basta só haver bons hoteis, para alojarem os que possam viajar por prazer; mas que é igualmente indispensavel preparar os logares de cura para atrahir os que tenham necessidade de tratamento; e sob esta ordem d'ideias, chega á conclusão de que se torna absolutamente indispensavel a creação, nas Faculdades de Medicina, d'uma cadeira de hydrologia.

Em Portugal, tambem se pensou já n'essa lacuna, tanto mais sensivel no nosso paiz, quanto ele possue aguas absolutamente concorrentes das estrangeiras, algumas até sem rivalisação possivel. Entre estas podemos citar ás do *Mouchão da Povoa*, que não consta terem semelhança no resto do mundo.

A idea da creação d'uma cadeira de hydrologia na faculdade de medicina de Lisboa partiu, se não estamos em erro, d'uma proposta apresentada algures pelo Dr. José de Athayde, ilustre director da Repartição de Turismo.

Se é certo, porem, que a vontade e energia d'este distincto funccionario é muita, e vehementes são os seus desejos n'esse sentido, cremos, todavia, que em França esse incomparavel beneficio será um facto real muito antes de se efectivar em Portugal.

...O que aliás não será para admirar.

Voltando ás reflexões de M. Boudet, vê-se que esse vulto importante de turismo francez classifica a existencia das estações thermaes como uma verdadeira necessidade de turismo, e por isso elas devem usofruir dos beneficios resultantes do estabelecimento de credito por meio d'um Banco de Turismo.

Emfim, esta questão debate-se com ardor e enthusiasmo, e o momento, não obstante a critica situação presente, é considerado oportuno para se proseguir na sua discussão até se fixar as bases definitivas sobre que ha de assentar o maior propulsor da industria de turismo em França.

Federação de Turismo

Em uma reunião que ha pouco teve logar em Toulouse, á qual assistiram representantes do *Touring Club*, da Repartição Nacional de Turismo, bem como delegados da Federação do sud-oeste da França e da Federação Pirenéista, foram tratadas, entre diversas questões, as que passamos a enumerar:

1.º Situação financeira — Reorganisação da Federação sob as bases preconisadas pelo Touring Club de França, e nomeação de delegados—Pedidos de inscripção.

2.º Elaboração do programa geral para o desenvolvimento da actividade dos Syndicatos d'Iniciativa.

3.º Publicidade. Programa de publicações a editar em linguas estrangeiras.

4.º Transportes—sobre todos os pontos de vista relacionados com a presente situação, e para depois da guerra. Circuito *front Pyreneus*.

5.º Hoteis—Transformações—Novas construções - Credito hoteleiro.

6.º Estações thermaes, climatericas e turisticas. Taxa de estadia.

7.º Recepção e instalação dos «permissionaires» americanos.

N'essa reunião nomearam-se diferentes comissões para o estudo dos quesitos enunciados; devendo oportunamente cada commissão apresentar o resultado dos seus trabalhos.

Por esse completo questionario se pode avaliar quanta soma de actividade se está dispendendo para outra guerra, não mais cruenta nem mais sangrenta do que a que presentemente vem enluctando o mundo, mas onde as energias se consumirão talvez com o mesmo ardor, impulsionadas pelo mesmo sentimento de defeza da Patria. Essa outra guerra será a lucta economica em que as nações, depois de assignada a paz, se lançarão para se compensarem dos abalos agora sofridos e para reconstituirem o que os estampidos do canhão arrojou na furia incomparavel da mais brutal selvajaria.

E' asssim que os francezes, invalidos para a lucta fraticida nos campos da batalha, mas suficientemente energicos ainda para o desempenho de funções civis, aproveitam o vigor do seu temperamento e os beneficios salutares da sua patriotica educação para serem uteis ao seu Paiz, preparando-lhe um futuro propicio ao rapido restabelecimento da situação que já invejavelmente usofruiu no concerto mundial.

Que belos exemplos nos dá essa adoravel França!

Não podemos deixar de constatar a perspicacia ao serviço de uma fina diplomacia com que os francezes andam angariando as boas graças dos seus novos amigos americanos. Todas as atenções para eles convergem; todas as gentilezas, assim como tudo quanto os possa encantar, quanto os atraia, quanto os seduza, é experimentado com requintes de subtileza, com mimos de galanteria, d'essa galanteria franceza que é a melhor arma contra a concorrencia estrangeira...

Ha em França, na presente ocasião, uma completa azafama para proporcionar aos *permissionaires* americanos um verdadeiro repouso, cheio d'encantos e de doçuras compensadoras da vida agreste das trincheiras, onde a sympathia pelas virtudes christãs os trouxe a babalhar lado a lado dos francezes.

A instalação a proporcionar-lhes e a recepção a fazer-lhes tem sido objecto dos mais cuidados estudos e das mais aturadas experiencias.

Como se sabe, os *permissionaires* são os licenciados dos exercitos americanos em campanha, os quaes em virtude do seu estado physico precisam d'um especial repouso.

Depois d'uma serie de estudos, chegou-se ao ponto de combinações entre a Camara Nacional de Hotelaria franceza, e *Young Men Christian Association* e as autoridades americanas para assegurar ao soldado americano, *auxiliado pelo seu governo e percebendo ainda um pret consideravel*, a instalação suficiente durante a vilegiatura que fôr autorisada em França, para a qual os hoteleiros contribuem com a sua melhor pericia.

A este respeito diz um importante jornal francez que «vê-se e sente-se o interesse «que oferece esta feliz novidade cujos be«neficios não se manifestarão sómente no «presente, mas garantirão, sem duvida, «uma boa parcela futura.

E acrescenta: «Estes turistas de guerra «não serão, depois, os melhores propagan«distas do belo paiz da França?

Parece-nos que estes periodos são verdadeiramente symptomaticos e confirmativos das nossas opiniões.

Não nos move o que os francezes façam para garantir o futuro da sua situação; só nos comove vêr como o seu exemplo é aproveitado pelos portuguezes...

J. C.

Estando-se a proceder á cobrança das assignaturas do 1.º semestre do corrente ano, rogamos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.